

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
*Praça dos Restauradores, 43 a 49*  
LISBOA

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados  
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, ASIAHAUS**

HAMBURGO, S

AGENTES EM : — Anvers—Havre — Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.




14 bis, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000  
Produção até hoje ..... 120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.  
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—  
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—  
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—  
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-  
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia  
e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—  
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Iorne).  
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.  
PARIS.—334, Rue St. Honoré.  
LONDON W.—10, Wigmore Street.

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos  
CELEBRES PIANOS **BECHSTEIN**  
Praça dos Restauradores  
Casa Lambertini \*

## Musikalisches Wochenblatt

40.º anno (Neue Zeitschrift für Musik) 40.º anno

DIRECTOR : LUDWIG FRANKENSTEIN — Leipzig

Assignatura — 13 francos por anno

Artigos, apreciações e criticas dos artistas e musicologos mais considerados.  
Abundante informação. Correspondencias e noticias de todo o mundo. Orien-  
tação distincta e progressiva.

**Annuncios** de professores, concertistas, collegios, fabricantes  
de artigos musicaes. Abatimentos por série de **annuncios.**

**Livraria Oswald Mutze, LEIPZIG**



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Enrique Granados. — Curiosidades musicas. — Real Theatro de S. Carlos. — Um livro d'Arte  
Notas vagas. — Concertos. — Noticiario.

## Enrique Granados

E' um dos optimos artistas do visinho reino e talvez o unico que possa preencher a vaga aberta na arte hespanhola pela perda do grande e sympathico musico que se chamou Isaac Albeniz, e que todo o mundo da arte venera como uma das suas mais lidimas glorias.

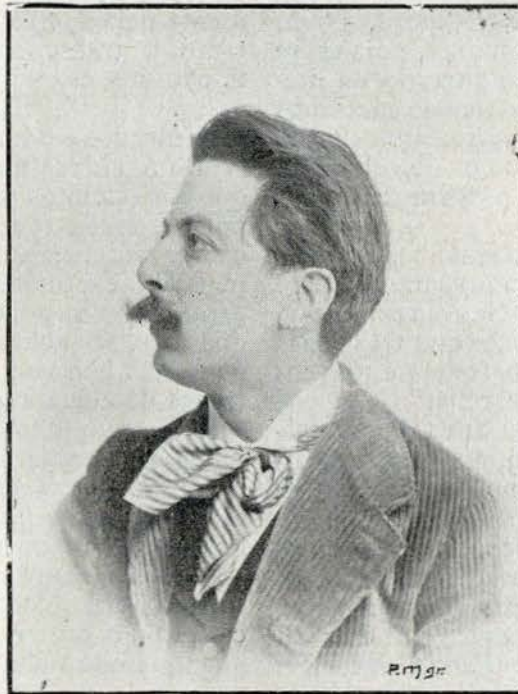
E', como Albeniz, compositor, professor e concertista. Mas apesar dos solidos estudos feitos com Charles de Beriot e de dispor de um conjunto de qualidades pianisticas, que muitos invejariam, é tal a sua modestia e a desconfiança de si proprio, que só tarde se resolveu a subir ao estrado dos salões de concerto e a encarar de frente esse monstro de mil cabeças, que se chama publico. Levaram-o até lá, quasi contra vontade, alguns amigos devotados e, á frente d'elles, um mestre de mestres, Camillo Saint-Saëns, que tem pelo talentoso artista espanhol uma grande dedicação e uma admiração sem limites. O exito obtido em um sem numero de concertos, onde tem figurado ao lado das maiores

celebridades, como Saint-Saëns, Risler, Calsals, Ysaye, Arbós e ultimamente Jacques Thibaud, veio confirmar em toda a linha as presumpções optimistas dos seus amigos, sendo o publico e a critica unanimes em reconhecer no seu jogo a maior precisão e nitidez, alliadas a um colorido e expressão que lhe são absolutamente pessoasas.

Pouco sabemos da sua vida de professor, mas parece que o seu ensino na Academia de Barcelona tem produzido os melhores fructos. Para nós outros, que não pudemos ouvi-lo como pianista, a feição mais interessante da sua individualidade é a de compositor, sendo talvez sob esse aspecto que elle recolherá, toda inteira, a herança artistica de Albeniz.

Uma grande parte da sua bagagem de compositor é consagrada ao piano, sendo notaveis as suas *Danças espanholas*, um *Album de seis peças*, um *Album de la jeunesse* que alguns criticos não hesitam em comparar

ao de Schumann, seis *Estudos expressivos*, de execução facil, *Valsas poeticas*, um *Allegro de Concerto*, premiado pelo Conservatorio de Madrid e executado no concurso das classes de piano, *Scènes romantiques*, *Oriental*, *Jota*, etc.



Tem alem d'isso Enrique Granados uma *Sonata* para piano e violino, um *Concerto* para piano e orchestra, dois poemas symphonicos, *Dante e Romeu e Julietta*, e quatro obras theatraes: *Maria del Carmen* (3 actos), *Follet* (2 actos), *Petrarca e Gaziel* (1 acto cada uma).

As suas adaptações pianisticas das *Sonatas* de Scarlatti, por elle proprio apresentadas em muitos concertos, tem sempre os suffragios dos entendidos.



## Curiosidades musicas

(Continuado do numero antecedente)

### XXVIII

#### A musica portugêsa na Persia

Aos frades da ordem de Santo Agostinho coube a missão evangelisadora da Persia, fundando para este effeito um convento em Ormuz e outro, mais tarde, no começo do Seculo XVII, em Aspam ou Ispaan. A sua missão não era somente religiosa, como tambem politica e diplomatica, pois neste sentido os encarregavam o governo da metropole e o da India de relatar os successos da Persia, seguindo de perto, afim de penetrar os seus intentos e de observar com vigilancia, o que se passava n'aquella côrte.

Um dos que mais diligentemente, com acerto e proveito, se empregaram n'este mister foi frei Antonio de Gouvea (mais tarde bispo titular de Cirene) que tres vezes passou á Persia, com embaixadas e presentes para o respectivo monarcha.

Innocencio Francisco da Silva guiado talvez por Barbosa Machado, diz erroneamente, tanto no numero como na data, que as viagens foram duas, effectuadas nos annos de 1602 e 1620. O auctor do *Diccionario Bibliographico*, não cahiria neste engano, se houvesse lido a *Relação em que se tratam as guerras e grandes victorias que alcançou o grande Rey da Persia Xa ' Abbas*, ..... escripta por frei Antonio de Gouvea e publicada em Lisboa em 1611.

O capitulo X do Livro 5.º intitula-se: *De como por ordem de sua Magestade e man-*

*dado do Arcebispo de Goa passei terceira vez a Persia*, e ahi diz o auctor que, partindo de Goa a 20 de fevereiro de 1608 e fazendo pouca detença em Ormuz, chegára a Ispaan no fim de junho.

A obra de frei Antonio de Gouvea, recommendavel pela sua linguagem e estilo, é cheia de variadas e interessantes noticias sobre a historia e costumes da Persia, descrevendo e narrando com fidelidade, como testimunha presencial e de criterio, embora não faltem incidentes miraculosos, que só a credulidade fervorosa pode acceitar sem escrupulo.

Frei Antonio de Gouvea foi bem recebido pelo Xa, que o tratou e acolheu com boa sombra, mostrando-se até propenso á nossa religião, chegando a despertar a esperanza de que se reduziria ao christianismo. Dois episodios encontro eu na narrativa do frade agustiniano que dão claro indicio de que o Xa se aprazia com certos actos dos religiosos portuguezes, e como dizem especialmente respeito ao assunto de que me venho ocupando, aqui darei conta delles.

Da primeira vez que frei Antonio esteve na Persia passou-se entre elle e o Xá uma scena muito engraçada que não me atrevo a pintar com a minha palavra, quando um dos protagonistas o pôde fazer excellentemente pela sua boca, limitando-me eu portanto a transcrever o trecho que se lê a fl. 67.

«Entrados em hua casa de recreação, onde estavam alguns tanques pequenos de agua, que por occultos esguichos se enchiam; depois de assentados, e mandar o Xa tanger e cantar os seus, festejando seus grandes e elle mais do costumado, me pediu que fizesse cantar algum portugês, e como cada qual dos que se acharam em nossa companhia não tinha boa voz, mas todos juntos concertavam de alguma maneira, mandei chamar fora os que d'isto tinham mais noticia, e todos lhe cantaram o psalmo — *Laudate pueri Dominum* pelo setimo tom que era o mais facil, para pouco dextros; e elle se enlevou tanto na musica, que me affirmou não ter ouvido cousa que lhe desse tanto gosto e para gloria disto tomou um instrumento e começou a cantar alguns versos em sua lingua, que elle tinha composto, etc.»

O outro episodio, mais caracteristico e até mais pittoresco que o antecedente, passou-se em Ispaan, a ultima vez em que alli esteve frei Antonio de Gouvea. Perguntou-lhe o Xa se a sua comunidade celebrasse na Persia a festa do nascimento de Christo, o faria da mesma maneira que em Portugal.

<sup>1</sup> Assim escreviam os nossos antigos, graphia despresada hoje, adoptando-se a ingleza ou franceza *Schah*.

Ao que o padre respondeu que havia alguma differença, pois não podiam contar com o concurso das pessoas reaes e da fidalguia que as acompanhava, e muito menos com o cevado que se costumava matar por esta occasião. «Não vos inquieteis por tão pouco, replicou o Xá, porque eu assistirei em pessoa, e mandar-vos-ei alguns dos porcos com que me presenteou o principe dos Gorgis.» A ida do porco para o convento e a sua matança produziram grande espanto e alvoroço, irritando os cacises, sobretudo por verem que os mouros aceitavam pedaços de carne daquelle animal, quando era o tempo do *ramadam* que preceitua jejum.

Dou aqui muito concisamente o entrecho deste episodio, não o pormenorizando mais, por não vir ao meu intento, ficando todavia na certeza, de que bastará este almiré para despertar a curiosidade dos folkloristas portuguezes, que não tardarão em consultar a obra de frei Antonio de Gouvea, afim de serem inteirados de uma costumeira tão original e que reputo inedita. Eu, pelo menos, confesso ingenuamente, que ignorava esta usança, mal imaginando que o sacrificio do porco —um holocausto pagão—fizesse parte constituitiva, nas igrejas e nos conventos, das cerimoniaes religiosas do Natal.

Vejamos agora, como frei Antonio descreve a entrada e assistencia do Xá no templo dos padres agostinhos, a pag. 209.

«Ao dia de Natal ás duas horas depois do meio dia entrou o Xá no nosso convento com o principe Safi Mirzá e outros muitos grandes de sua côrte, entre os quaes vinha o principe Manucharham senhor de uma parte da provincia dos Gorgis, acompanhado com alguns dos seus, e para entrár o Xá na egreja descalçou os çapatos em signal de reverencia; a qual nós tinhamos mui ben armada e alcatifada, com muitas caçoulas e pivetes accesos, de maneira que o Xá e os seus estimaram muito vêr a limpeza e ornato della. No altar estavam algumas imagens devotissimas, assim da Senhora, como de Christo nosso Redemptôr, que o Xá esteve vendo e notando muy devagar, porque é por extremo curioso de boas pinturas e a cada uma d'estas imagens fazia particular reverencia e inclinação. Sentado n'uma cadeira que lhe tinhamos preparada, fez sentar a todos os seus nas alcatifas, começando os padres a cantar umas Completas, ajudados de alguns portuguezes, e dos meninos Arme-nios, que já estavam instruidos, as quaes se cantaram em canto d'orgão, cantando-se alguns versos a harpa e outros instrumentos de que os padres estavam providos, como cravo, cithara, de que o Xá e os seus mostraram muito grande contentamento. O Principe

Manucharham se levantou do seu logar e se foi para o chôro onde cantavam, mostrando tanta alegria, que segundo nos confessou, lhe parecia estar no Paraiso. Querendo o Xá ouvir cantar e tanger a harpa de mais perto, veio, quem o fazia, com ella e se sentou n'um degrau do altar, e para voltar o rosto para o Xá, que ficava perto, houve de ficar com as costas para o mesmo altar, sem que nenhum de nós o notasse, mas notou-o o mesmo Xá e disse que não estava bem assentado com as costas para a imagem de Christo e de sua Mãe; emendou-se o cantor e confessou seu descuido, parecendo ao Xá melhor na musica que no assento.»

## XXIX

Pedro Thalesio. — Um professor na cadeira de musica da Universidade de Coimbra

Pedro Thalesio foi um dos professores, que por mais tempo e com mais proficiencia regeram a cadeira de musica na Universidade de Coimbra. O alvará com força de carta, que o nomeou para este logar, tem a data de 22 de novembro de 1612, e acha-se registado a fl. 171 v.º do livro 20 da chancelaria de D. Filipe II. Não dá nenhuma informação pessoal e apenas diz que elle era — «um dos grandes talentos que ora ha neste reino para ter a cadeira de musica...»

O sr. Ernesto Vieira, baseando-se tambem em documentos publicados pelo sr. dr. Theophilo Braga na *Historia da Universidade*, espraia-lhe a biographia no seu *Diccionario*, artigo que julgo superfluo resumir, limitando-me a acrescentar um pormenor interessante, que julgo inedito.

Pedro Thalesio, alem de uma filha que professára num convento de Lerma, tinha outra, que lhe sobreviveu, de nome Mariana Thalesia; a qual era casada com Pedro de Sousa de Vasconcellos, homem nobre, mas sem haveres. Por morte do pae, requereu ella ao rei que lhe fosse concedida uma pensão, attendendo aos serviços paternos; petição a que se mostrou contrario o Reitor da Universidade, sendo-lhe todavia favoravel a Mesa da Consciencia e Ordens, que em sua consulta de 20 de dezembro de 1629 propõe lhe fosse dada, emquanto viva, a tença annual de dez mil réis, que seu pae recêbia de acrescentamento.

Marianna Thalesia enganou-se na conta de um anno, quando allega que seu pae exercera o professorado dezoito.

Eis agora a alludida consulta :

«Fez petição a Vossa Magestade neste tribunal Marianna Thalezia, filha de Pedro

Thalezio, deffunto; lente que foi da cadeira da Musica da Universidade de Coimbra em que dis que o dito seu pay leo a dita cadeira deoito annos com muita satisfação por ser eminente na sciencia, por cujo respeito lhe fizerão a cadeira perpetua em sua pessoa e foi acrescentado em des mil réis mais cada anno e por que ficou muito pobre e não tem com que se sustentar e he casada com Pedro de Sousa de Vasconcellos, homem nobre e tão pobre que não tem nada de seu.

Pede a Vossa Magestade, que tendo a tudo respeito e custumar sempre a semelhantes pessoas faser merces de tenças em sua vida nas rendas da Universidade, lhe faça Vossa Magestade *mercê* de lhe mandar dar alguma util para ajuda de sua sustentação.

O Reitor e deputados da fazenda da Universidade, a quem, como se custuma, se pediu informação e parecer, informão que não ha razão para se fazer a Mariana Thalesia a merce que pede, porquoanto não ha exemplo algum de Vossa Magestade nem os senhores réis seus antecessores a haverem feito a nenhum mestre de canto, nem aos filhos dos lentes das outras sciencias, e somente se fizerão e fazem ás viuvvas dos mesmos lentes, e ainda a estas se negarão muitas vezes.

A este Tribunal pareceo que tendo Vossa Magestade respeito ao que Marianna Thalesia allega e ser justo que por filha do seu pae, tão benemerito, receba alguma *mercê*, lha faça Vossa Magestade dos dez mil réis que seu pae tinha de acrescentamento pagos nas rendas da Univeridade, e isto em sua vida somente, e ao doutor Sebastião de Carvalho parece o mesmo que ao Reitor e Deputados da fazenda, por não ver rezão que obrigue a fazer semelhante exemplo em dano das rendas da Universidade. Lisboa 20 de dezembro de 629. = Tinoquo.<sup>1</sup>

SOUSA VITERBO.



Em 28 de novembro foi pela primeira vez cantado em Lisboa o *Fortunio*, comedia lirica em 4 actos e cinco quadros, com musica de André Messager.

Como todos sabem, os libretistas G. A. de Caillavet e Robert de Flers aproveitaram para esta comedia lirica o assunto do *Chandelier*, de Alfred de Musset. Juntaram-lhe um quadro de mera apresentação de personagens, que fórma o primeiro acto, e expurgaram a comedia de escabrosidades e immoralidades, que no tempo do segundo imperio justificaram a proibição de continuar a ser representada.

Não sabemos porque em S. Carlos foi cortado todo o segundo quadro do 3.º acto. E no entanto era a cena mais espectacular de toda a comedia; durante ella se preparava a cilada, cujo desenlace tem lugar no 4.º acto. Misterios.

Messenger, um dos actuaes directores da Grande Opera de Paris, é compositor moderno, com fama de melodico. Tem grande reputação como chefe de orquestra, adquirida principalmente na direcção dos concertos do Conservatorio. Compositor dedicado em especial á opera comica, as suas partituras, sem os atavios e as pretensões modernamente exigidas pelo drama lirico, impõem-se pela moderação no emprego de rebuscados efeitos dissonantes. A orquestração do *Fortunio*, de character sinfonico, prova á evidencia que Messenger podia ir muito além da opera comica. Se a melodia, por falta de elegancia e de arrôjos de inspiração, nem sempre é de pronunciado lirismo, será isso talvez um premeditado designio do compositor para tirar á musica improprias pretensões. No decorrer da partitura parece-nos haver d'isso provas suficientes em algumas das romanças e mesmo nos duetos de tenôr e soprano. Não ha arrôjos de lirismo, mas também não tem banalidades que destoem do character de comedia lirica.

As cenas episodicas do 1.º acto não são as que mais nos impressionaram, embora a instrumentação comentasse com acerto o movimento cenico e o dialogo entre a soprano e o baritono. Desperta porem um grande interesse todo o segundo acto. A melodia entrecortada e curta do começo traduz bem o character comico e grotesco de Mestre André. As cópulas de Clavaroche são um modelo no genero. E' fina e superiormente trabalhada na orquestra a cena de Jacqueline ao toucador, assim como o dueto entre ella e Fortunio. No 3.º acto são também muito dignos de apêço o terceto dos escreventes, a romança de tenôr e o dueto d'este com Jacqueline.

No desempenho do *Fortunio* houve o atractivo da estreia da sr.<sup>a</sup> Lilien Grenville, uma esbelta, fina e graciosa figurinha de *biscuit*, de olhar perspicaz, garrido e sugestivo, capaz de transformar em ardente lava os gê-

<sup>1</sup> Torre do Tombo—Mesa da Consc. e Ordens, Registo de Consultas 1628, a 1630, n.º 19 d'ordem, fol. 142.



los do mais encanecido coração. Uma perfeição de Jacqueline, ingenua para com o marido, sedutora para os amantes. Excelente comediante, interpretou superiormente a protagonista da comedia; cantora com pequena e pouco volumosa voz de soprano, embora cuidadosamente trabalhada por um apreciavel metodo de canto, que lhe permite defender-se da pouca firmeza com que emite as notas agudas, ouve-se com muito prazer.

O tenor Gilly, aca-nhado por vezes, outras arrojado em excesso, se como actor não foi muito feliz, cantou muito regularmente as suas romanças e duetos. O baritono Bourbon, embora d'ele muito houvesse a esperar, é que não tirou da parte de Clavaroche um grande partido. E o baritono Viaud, que lhe succedeu, não foi mais feliz.

No dia 9 do corrente realizou-se a primeira audição da *Reine Fiammette*, conto dramatico de Catulle Mendés em 4 actos e 6 quadros, com musica de Xavier Leroux.

Longe de nós a ideia de escarpelarmos o conto do malogrado escritor e romancista francês, que no caso presente se deixou levar muito longe pela fantasia, creando no seculo XVI um reino com a capital em Bolonha, — já então incluída nos vastissimos estados da Egreja, — onde uma licenciosa e imprevidente rainha Orlanda, coeva do ce-

lebre imperador Carlos V, foi victima da ambição de um aventureiro marido de baixos sentimentos e da astucia de um omnipotente e sanguinario cardial. Sejanos todavia licito dizer que o epilogo tragico do conto é tão fantastico e inver-

simil como deshumano, para nos merecer simpatia.

Na musica da *Reine Fiammette* não descurou Xavier Leroux os processos modernos. Se na orchestra não está o principal interesse narrativo, nem por isso éla deixa de



ALINE VALLANDRI

nos prender constantemente a atenção, por que nos diferentes naipes de instrumentos, e em especial no quarteto de corda, encontramos os motivos que traduzem situações ou representam personagens; e com esses motivos fórma ás vezes o compositor uma

trama harmonica de subida importancia. Ha episodios que a orquestra descreve com a frivolidade propria das personagens a comentar; ha outros em que o vigôr instrumental e a frase larga, bem contornada, se impõem ao aplauso do auditorio. Uma vez ou outra, em particular nas situações affectivas, lá apparece o dialogo sentimental entre os instrumentos de corda, assim como os sólos de violino, viola, violoncelo, flauta, clarinete, etc.

Xavier Leroux é um melodico e um apaixonado pelas poeticas cenas da mais intensa melancolia. Por isso, e porque a expressão das intimas sensações da alma só na melodia vocal encontram a sua colorida descrição, o papel distribuido ao cantôr não é inferior ao da orquestra. São d'isso exemplo a narrativa do tenôr, o monologo do baritono no 1.º acto e os duêtos de amor. Assim o compositor tivesse mais alguma consideração pela laringe dos cantôres, que êle ás vezes trata bem pouco humanamente, fazendo-lhes atacar repentinamente e *ex abrupto* qualquer das notas mais agudas da escala. Os melhores mestres da antiguidade não cometeriam semelhante barbaridade. O grande mestre Rossini não escrevia um *lá* agudo para o tenôr sem facilitar a sua emissão por intermedio das notas proximas. Evitavam-se nessa época, nos tempos aureos do *bel canto*, os grandes intervallos, acima de quarta. Esses saltos eram considerados prejudiciaes para a laringe do artista. Hoje, com a decadencia de tudo quanto é boa arte, a nada d'isso se atende. Intervallos de sexta, setima e mais, são frequentes. E faz-se o que ha pouco dissemos e de que só pôde resultar a rapida inutilização das vozes, ou pelo menos o seu inevitavel cansaço: a soprano, depois de um repouso de alguns compassos, com o fim de traduzir a intensidade de uma sensação, abre a bôca para principiar uma frase musical por qualquer nota do extremo superior da escala, um *dó* agudissimo por exemplo, atacado com força, prolongado, como ha d'isso mais de um exemplo na partitura da *Reine Fiammette*. E dá-se isto não só com a soprano mas tambem com o tenôr, o baritono, etc. Já o mesmo modo de escrever nos impressionou no *Chemineau*.

Mas deixemos isto, que é de somenos importancia para a generalidade dos que ouvem cantar e que só particularmente pôde interessar ao artista que tem necessidade de conservar o orgão vocal.

Na instrumentação da *Reine Fiammette* apparecem uns tons de colorido que, pela escolha dos timbres, nos fazem lembrar o estilo de Massenet. Nos tres primeiros qua-

dros, a par da melodia de caracter italiano, é frequente a imitação do estilo wagneriano, principalmente o da primeira época do celebre compositor alemão. Notamos tambem o inglorio trabalho distribuido a alguns instrumentos, principalmente á flauta, ao oboé e ao clarinete, nuns repetidos ornatos de difficil execução, e que do publico passam despercebidos. Gimnasticas instrumentaes a descrever ás vezes situações comicas e frivolidades de caracteres, e outras vezes a ornamentar assuntos bem mais sérios.

A nosso vêr, principalmente no primeiro e nos dois ultimos actos, a partitura da *Reine Fiammette* peca pela lentidão com que algumas cenas decorrem e que produzem uma sensação de monotonia. Não ha a homogeneidade da partitura do *Chemineau*, embora consideremos a *Reine Fiammette* um trabalho de muito merecimento.

A primazia da execução pertence indubitavelmente á sr.ª Aline Vallandri, que pela primeira vez interpretou a leviana e amorosa Orlanda. Comediante conscienciosa e cantôra correctâ, fez do caracter da personagem um cuidadoso estudo, comentou com expressiva fisionomia e dicção clara os versos que o exigiam, ao mesmo tempo que dava ao canto o calôr, sentimento e colorido apropriados.

O tenôr Granier deu um grande realce ao papel de Danielo. Um absôrto e místico sonhador de delicias femininas, instrumento cego e quase inconsciente da ambição dos que o armaram com um punhal vingativo, a sua voz teve lances de comovente expressão.

O baritono Viaud e o baixo Lequien bem mereceram os aplausos com que o seu trabalho foi galardoado. As segundas partes foram distribuidas a artistas que d'elas se desempenharam a primôr.

De tudo isto resultou para a partitura da *Reine Fiammette* um magnifico e excepcional conjuncto, que muito contribuiu para o bom acolhimento que obteve. Xavier Leroux e os principaes artistas devem estar satisfeitos com os calorosos aplausos que nos fins dos actos lhes foram conferidos.

A encenação da *Reine Fiammette* é luxuosa e muito apropriada.

12 de dezembro.

ESTEVEZ LISBOA.



## Um livro d'arte

No nosso pequenino meio bibliographico, a apparição de um volume, que se occupe desenvolvidamente de cousas musicas e que seja urdido com o proposito firme de dar ás cousas o seu verdadeiro nome, pode quasi considerar-se um acontecimento.

Está n'este caso o ultimo livro que Alfredo Sacavem publicou sobre assumptos d'arte e a que deu o titulo modesto de *Impressões*.

Não é a bem dizer um livro; antes lhe deveriamos chamar uma compilação d'artigos varios que o seu auctor foi publicando ao sabôr dos acontecimentos, em revistas e jornaes, e que hoje se resolveu a enfeixar em brochura especial.

E' a obra d'um sincero e d'um independente, que tem a abonal-o a propria circumstancia de a ter produzido em momentos varios da sua existencia de escriptor, e sempre com a mesma lucidez de vistas e com a mesma honestidade de principios. E' uma grande qualidade de critico, essa, e qualidade que pode porventura simular-se no livro feito d'um jacto, mas que ninguem saberia manter, com fingimento, n'uma sequencia d'escriptos que abrange uns poucos d'annos.

Dividiu Alfredo Sacavem a sua obra em quatro partes essenciaes, a que deu os titulos seguintes: — *Concertos, Almas que partem, Noites em S. Carlos e Bloc-Notes*.

Tem a primeira estes capitulos: — *O nosso meio musical e o primeiro concerto da Grande Orchestra Portugueza, Perosi e a sua obra «Mosè», Vianna da Motta, Ricardo Strauss e os concertos da Grande Orchestra de Berlim, no theatro D. Amelia*.

E' constituída a segunda por dois primorosos artigos necrológicos, em que são piedosamente recordados os nomes de Alfredo Keil e Eduardo Grieg.

Na terceira, *Noites em S. Carlos*, figuram os artigos seguintes: — *Damnation de Faust, Julio Massenet e a sua opera «Jongleur de Notre Dame», «Louise» de Gustavo Charpentier, «Amor de Perdição, de João Arroyo, «Tristão e Isolda», Paolo e Francesca» e «Madame Butterfly», A opera «Chemineau» de Xavier Leroux, «Salomé» de Ricardo Strauss, Uma opera portugueza: «Burguezinha» de Augusto Machado, A «Tetralogia» de Ricardo Wagner, «La Légende du point d'Argent» de Felix Fourdrain e «La Navarraise» de Massenet.*

As *plaquettes*, com que termina o livro, e a que o seu auctor poz a epigraphe de *bloc-notes*, na significação, como elle proprio

nos diz, de instantaneos da *vida*, artigos impressionistas, casos da rua, factos sociaes, literarios e artisticos — obedecem aos seguintes themas: — *Meredith, Rita Sacchetto, Sahir de Lisboa, Em honra de Chopin, Vespera de Santo Antonio, O amor pelo crime, A caminho das lagrimas, Somno em S. Carlos, A poesia na sciencia, Uma carta inédita de Mendelssohn, A sciencia da felicidade, Michel'angelo Lambertini, Das sombras do esquecimento, O «Bis», Uma paixão em Berlim, Tennyson, Um sentimental, Exposição de Bellas Artes, Emma Cagnis de Castella Monie, A musica e o amor, Duas palavras sobre a antiguidade da critica musical, As alegrias e a força da Arte.*

Depois d'esta enumeração dos artigos que compoem o livro, feita propositadamente para dar ideia da variedade dos assumptos e do interesse da mór parte d'elles, estamos

a vêr o sorrisinho experto d'alguns dos nossos leitores...

Estamos até a ouvi-los: — «E viva o elogio mutuo! Não ha como elle para manter esta bõa cordealidade entre os homens da penna! etc. etc. etc.»

Pois sim, senhores. Alfredo Sacavem quiz distinguir-nos com umas palavras, que es-



ses do sorrisinho hão de reputar exageradas, talvez, mas que, dada a independencia de character que tantas outras paginas do livro claramente revelam, tem o grandê merito de serem sinceras. E assim como hoje lhe agradecemos o applauso que elle julgou dever outhorgar a certas iniciativas em que temos posto o melhor quinhão da nossa alma e dos nossos nervos, curvaremos ámanha a cabeça a toda a censura que d'elle venha, porque a não podemos ter senão por honesta e bem intencionada.

Assente isso, ainda queremos dizer que não concordamos com certos pontos de vista do seu livro, mórmente no que respeita a Vianna da Motta e a Ricardo Strauss. E para que fiques inteiramente convencido, malicioso leitor, de que a tal historia do elogio mutuo nada tem que ver com o que aqui temos rabiscado, sempre desejamos frisar que alguns dos capitulos atraíçõam a a nosso vêr demasiadamente o seu primitivo destino de artigos de jornal, feitos sobre o joelho, e falhos talvez d'aquelle atticismo da forma, que é um dos maiores encantos da bõa literatura, e a que Alfredo Sacavem,

com uma cuidadosa revisão, poderia ter facilmente atendido.

Feitas essas reservas, ficaríamos de mal com a própria consciencia, se nos não referissemos á mestria com que foram elaborados certos artigos, como os do *Tristão*, do *Chemineau*, da *Salomé*, da *Tetralogia* e sobre tudo á espirituosa e fina observação que ditou o maior numero, e com que tanto se salientam *Sahir de Lisboa*, *Vespera de Santo Antonio*, *O amor pelo crime*, *Somno em S. Carlos* e muitos mais.

Em resumo e para terminar, o novo livro de Alfredo Sacavem é um livro de boa arte e um livro honesto e consciencioso; como tal o recomendamos sinceramente a todos os que se interessam pela musica entre nós.

LAMBERTINI.



### Cartas a uma Senhora

138.<sup>a</sup>

De Lisboa.

Para que negar? Tem V. Ex.<sup>a</sup> razão talvez em dizer que apesar do meu ostensivo optimismo, o fundo das minhas cartas é profundamente, tristemente pessimista.

Pretendo enganar-me eu proprio, mas se «o mesmo homem não se banha duas vezes no mesmo rio», como com tanta verdade escreveu o grego, nenhum de nós tambem verá repetido o estado ideal de espirito em que a uma certa hora imaginou descortinar a verdade do seu proprio eu.

Assim, pôde muito bem succeder que até quando momentaneamente imaginei fixar de vez aquella incoercível e immaterial visão de um mundo differente d'este em que estou, e para ascender ao qual eu realisava o meu acto de fé, *crendo e esperando*, apenas estivesse sendo victima d'uma allucinação febril provocada até —quem sabe?— pelo excesso do meu humor doentio e negro!

E' que, minha amiga, a vida aqui em Lisboa para determinadas creaturas do meu feitio não vae com effeito muito risonha e festiva.

Ter razão contra o seu paiz, já alguem observou, deploravel coisa, mas não a ter

nem contra nem a favor, que horror e que tortura!

Ora tal é o meu, o nosso caso. Olha-se em redor e raro se vê onde mansamente descançar os olhos.

A sociabilidade, tão indispensavel á pacificação das almas, no conflicto brutal dos interesses, e no não menos impiedoso embate das paixões, se não desapareceu, sofre com certeza um demorado colapso, e a meio da mais anodina palestra, a violencia irrompe fogosa e rubra.

Eu sei, eu sei: *la violence n'a qu'un cours borné au lieu que la vérité subsiste éternellement.*

Mas no presente minuto affigura-se-me que nem mesmo o grande Pascal, que n'esse lapidar conceito procura consolar os tristes e encorajar os desalentados, nem mesmo elle conseguiria estabelecer a tregoa n'este nosso tão conturbado e desunido meio.

A «serpente negra» de que fala Nietzsche, e «que a nossa educação e o nosso atavismo nos ligaram ao pescoço, isto é, o conjuncto de leis moraes, de convenções mundanas que nos apherreiam», como se por ventura presentisse chegado o instante fatal de uma lucta decisiva entre nós e ella, n'uma das suas voltas coleantes tenta asphixiar-nos, e asseguro-lhe que ainda quando nos não vença, nem por isso deixa de nos atormentar deveras.

E' claro que não poucos reagem e luctam, e—cá passa o meu optimismo — chego a convencer-me que isto que sentimos vem a ser o movimento de recuo necessario para o enorme salto que se torna mister formar se decididamente quisermos acompanhar os outros na sua marcha triumphal para a civilisação e para a liberdade, mas os fracos e os doentes como eu não imagina quanto padecem!

Julgar-me-ha ridiculo em tudo que deixei dito? Paciencia. O ridiculo escreveu o philosopho do Personalismo, o saudoso e dulcissimo Renouvier, só mata os que em verdade já nada teem a fazer senão morrerem; sómente, porque o não confessarei? — eu que já vou sentindo um tal ou qual desapego á vida e que não buscando illudir-me de sobra sei ter já andado mais que o que tenho de andar, eu gostaria de assistir ao desponstar de um Portugal novo, onde a alegria dos rostos se casasse com a alegria do clima, onde o florir das consciencias se confundisse com o florir dos arvoredos, onde, finalmente, não houvesse apenas sol no ar, frescura na terra, mas os corações, as vontades, as intelligencias por igual me mostrassem o brilho do primeiro e a suavidade da segunda.

Uma estreita solidariedade na miseria e no soffrimento, eis o que póde levar-nos pelo sentimento da injustiça á comprehensão da necessidade da justiça. Ora será quando esta pronunciar a sua grande e magica palavra, o seu *fiat* portentoso e salvador, que os doidos da minha irmandade se sentirão felizes.

E pois que aos bicos da penna me acudiu o termo doidos, deixe-me, para concluir, offerecer-lhe esta luminosa prophesia do sempre eloquente e subtil Jaurès :

«L'humanité aura accompli son destin, lorsque sa folie aura pris la figure de la sagesse».

Entre as rudes phrases plumbeas que atraz deixei, estas duas linhas d'oiro poderão, brilhando intensas, esclarecer como synthese, o que eu, querida amiga, sinto bem ter dito mal.

AFFONSO VARGAS.



Começa a nossa quinzena com as duas brilhantes audições de Harold Bauer no *Orpheon Portuense*, effectuadas a 29 do mez passado e 1 do corrente.

Harold Bauer é hoje uma das salientes notabilidades do piano, mas não foi com o piano que começou a sua carreira artistica. Nascido em Londres, em 1873, cedo se consagrou ao estudo da musica, estreitando-se publicamente como violinista, quando ainda não tinha mais que dez annos. Só depois dos vinte é que enveredou para o piano e, a partir de 1895, fazia-se applaudir todos os annos em Paris, em *recitals* que consagraram definitivamente a sua reputação de pianista. Em 1902 e 1903 tinhamol-o em Lisboa, ao lado d'esse incomparavel violoncellista, que é Pablo Casals, e está na memoria de nós todos a excellente impressão que o pianista aqui produziu, mórmente no *Carnaval* de Schumann, nos *Estudos* e outras obras de Chopin, na *Cavalgata das Walkirias* e no *Estudo-valsa* de Saint-Saëns.

Não foi menos viva a impressão que o eminente artista agora produziu no Porto.

Como obras capitaes dos seus programmaes figuravam a *Appassionata* de Beethoven,

as *Fantasiestücke* (op. 12) de Schumann, a *Sonata em fá* de Mozart, a *Fantasia* (op. 49) de Chopin, e com o insigne professor portuense, Moreira de Sá, a *Sonata a Kreutzer*, isto alem de outras peças de menores proporções, assignadas por Chopin, Schubert, Saint-Saëns, Schumann, Debussy, Alkan Mendelssohn e Liszt.

Em um primoroso artigo de Ernesto Maia, no *Diario da Tarde*, vemos estes dois concertos classificados de «verdadeiramente magistraes» e quando se refere á execução da deliciosa sonata de Mozart, diz o auctorizado critico : — «Não pode haver mais sobriedade, rigor de estylo, delicadeza de sentimento, encantadora maneira de *nuancer*, graça e vivacidade para traduzir aquella deliciosa musica.»

Quasi todas as obras tocadas n'esses dois concertos lhe merecem referencias egualmente elogiosas e quando allude á execução collectiva da *Kreutzer*, diz tambem : — «O sr. Moreira de Sá, no seu violino, deu-lhe a mais cabal interpretação, n'uma collaboração promenorizada, que valeu aos dois artistas applausos prolongados.»

\*

Pena temos de não poder dispôr de tão segura fonte de consulta, para o concerto de Madame Wanda Landowska, realisado em 4 por iniciativa da mesma benemerita sociedade portuense.

Essa artista de raro merito, consagrada hoje em todos os grandes centros musicas como ideal interprete das obras do passado, offereceu ao *Orpheon* um opulento programma, em que Couperin, Purcell, Chambonnières, e outros primitivos, que raro se logram ouvir em audições publicas, davam a mão aos Bach, aos Mozart e aos Chopin, que todos os frequentadores de concertos conhecem de côr.

Consta-nos comtudo que a notabilissima pianista e cravista teve no Porto um exito tão caloroso, como o que assignalou a sua passagem em Lisboa, ha bons tres annos.

O entusiasmo do publico portuense manifestou-se mesmo com tanta insistencia, que a eminente tocadora quiz corresponder-lhe com a execução de tres numeros fora do programma.

\*

No dia 5 teve logar no salão do Conservatorio, a primeira matinée popular para vulgarisação musical, a beneficio da Colonia de Verão para Creanças, organisação pelo distincto professor Alexandre Rey Colaço.

O programma d'esta audição, habilmente

elaborado, constava de obras de reconhecido merito a cargo de distinctos amadores, que se evidenciaram pela forma verdadeiramente artistica como executaram os numeros que lhe foram commettidos.

Iniciou-se o concerto pelo trio de Haydn, em sol maior, em que as sr.<sup>as</sup> D. Maria Rey Colaço, D. Elisa e D. Paz Reis, patentearam qualidades muito apreciaveis, apresentando bem assim um *ensemble* digno de registo, já como colorido, afinação e technica perfeita, já como rigorosa observancia do estylo.

Nas *Scènes d'enfants* de Schumann tivemos o prazer de ouvir M<sup>lle</sup> Rey Colaço, uma jovem artista que promete seguir as pisadas de seu pai e professor.

A esses treze deliciosos trechos que se succedem sempre com a mesma poesia e elevação de forma, deu M<sup>lle</sup> Rey Colaço uma interpretação sobria e perfeita, a par d'um grande sentimento na dicção.

A sr.<sup>a</sup> D. Bertha Bivar, uma amadora de rara intelligencia e intuição artistica, cantou primorosamente duas melodias de Franz, a *Absence* de Berlioz e a *Canção do Berço* de Rey Colaço, que foi bisada a pedido de todo o publico.

A sr.<sup>a</sup> D. Eliza Reis, que já no trio de Haydn tinha contribuido para a boa execução que teve a obra, evidenciou-se mais uma vez uma solista de grande merecimento, na *Aria* e *Gavotte* de Bach.

Afinação impeccavel, esplendido braço direito, technica perfeita e sentimento adequado, a sr.<sup>a</sup> D. Eliza Reis dá honra ao seu professor o sr. Francisco Benetó, que apresenta n'esta discipula uma prova evidente do seu bello methodo de ensino.

A sr.<sup>a</sup> D. Elvira da Motta, uma pianista de alto valor, executou com mestria um Preludio e fuga de Bach e dois Caprices de Scarlatti.

O notavel violoncellista amator Mr. Samers Cocks, deliciou o auditorio com a elegia de Fauré executada com grande correcção e sentimento.

Por ultimo a sr.<sup>a</sup> D. Virginia Baptista que infelizmente raras vezes nos dá o prazer de a ouvirmos, tocou com extraordinario brilhantismo e correcção a *Balada* em sol menor de Chopin e *Les Abeilles* de Dubois.

\*

Terminamos por hoje esta secção com uma breve referencia aos esposos Gaos, cujo concerto no *Orpheon Portuense* teve logar a 9.

America Montenegro de Gaos esteve em Lisboa ha 14 annos, quando ainda era simplesmente America Montenegro: deu con-

certos no theatro de S. Carlos, como violinista, em principios do anno de 1895, e por signal que foi muito apreciada e applaudida. Fez-se tambem ouvir n'esse tempo na *Assembléia Portuense*, já casada com Andrés Gaos, e, mais tarde, no *Orpheon*, mas sempre como violinista.

Agora reaparece-nos a dar concertos no Porto, mas como cantora. Não teve porém uma estreia feliz, n'esta nova qualidade, porque sentindo-se subitamente indisposta, só poudes cantar alguns dos numeros annunciados, executando na segunda parte do concerto uma peça de violino.

Tudo isso esfriou um tanto o publico, que no emtanto se mostrou extremamente cortez, tanto para a gentil artista, como para seu marido, que é tambem, como é notorio, um violinista assaz distincto.

\*

*Ultima hora*.—Chegam-nos á mão dois magnificos artigos do *Diario da Tarde*, que se occupam dos concertos de Wanda Landowska no Porto, e dão os mais interessantes promenores sobre o cravo e os antigos mestres do teclado. Os artigos são assignados pelo illustre critico e professor portuense, sr. Ernesto Maia, a quem pedimos venia para os transcrever no proximo numero, na certeza de fazermos um verdadeiro regalo aos nossos leitores.



## PORTUGAL

Alem dos notabilissimos concertistas Harold Bauer, Wanda Landowska e Montenegro Gaos, a que nos referimos na secção de «Concertos», promete-nos o *Orpheon Portuense* a vinda em janeiro do tenor francez Plamondon e do violinista hungaro Sebald.

Eis um punhado de artistas de altissimo valor, que vem dar concertos a Portugal, chamados por um grupo de conscienciosos propagandistas da arte, de vistas largas e desanuviadas, mais preocupados com o desenvolvimento e progresso artistico da sua terra, que com essas ridiculas questões de campanario que são ordinariamente a delicia e o gaudio magno das collectividades musicas d'este jardim da Europa.

Vão esses cinco mestres ao Porto e só quem tiver os olhos, para não dizer o cerebro, absolutamente tapados, ou estiver obcecado por prevenções tão estupidas quanto malevolas, é que pode duvidar que a lição d'arte que elles vem dar ao Porto é infinitamente mais fructuosa que todos os concertos de alumnos ou audições de artistas *in erba*, que ali se pudessem effectuar para maior gloria das mamãs e tormento do resto da humanidade.

Pois vem essas creaturas ao Porto e nem ao menos arriscam os 67960 réis da passagem, para vir repetir essa lição na capital do paiz! Não ignoramos que em Lisboa sômos todos tão sabios, n'esta materia, que difficilmente se poderiam reunir tres pessoas curiosas que se resolvessem a ir ouvir os homens; poucas mais se juntaram quando se se tratou de Paderewski, de Thibaud, de Thomson, de Sauer, de Ysaye e de tantos outros luminares da arte, que vêem lá fóra disputar, quasi a murro, as entradas nos seus concertos. Aqui, bem mais patriotas que no Porto, reservamos as grandes enchentes para o que é exclusivamente nosso, para aquelles que acalentámos no nosso philarmonico seio, para os meninos e meninas prodigiosas que mamaram essa divina essencia d'arte que subtilmente se volatilisa por beccos e alfurjas da velha cidade de marmore, desde a Cova da Onça até ao Quebra Costas e desde a Bica do Sapato até aos confins da Madragôa.

Bem sabemos isso e longe de nós hostilizar sentimentos tão amoravelmente paternaes e affirmações de tão nobre e commovente carinho patriotico. Mas, senhores, não se poderia ter realmente arranjado um modesto cantinho, no *brouhaha* estonteante do nosso movimento musical, para aquelles cinco estrangeiros? Ou elles não valem o risco dos 67960 por cabeça?

E ha quem diga que temos caminhado! De recúo, cavalheiros, de recúo...

\*

Com 20 recitas de assignatura e tres populares terminam hoje 15, os espectaculos da companhia francêsa. O *Chemineau* foi cantado 6 vezes; o *Fortunio*, 5; a *Navarraise*, 5; o *Point d'Argentan*, 3; a *Thérèse*, 3; a *Reine Fiammette*, 5. Com a *Navarraise* foi em 4 do corrente cantado tambem o 3.º acto do *Chemineau* e o 2.º acto do *Fortunio*.

\*

O distincto vocalista e reputado professor, sr. Arthur Trindade, organisou o seu curso de canto na rua Barata Salgueiro, 11,

1.º, para onde devem ser endereçadas todas as propostas d'inscripção.

O valioso artista, cujos estudos lyricos na Italia foram verdadeiramente notaveis, encarrregar-se-ha tambem, como nos consta, de lições no domicilio das discipulas.

Recommendamol-o vivamente.

\*

Entre os trabalhos de industria artistica que denotam maior habilidade manual, devemos contar um minusculo orgão-orchestra, do systema Limonard, que acaba de construir o sr João Cyrillo de Seixas Oliveira. A sua paciencia, verdadeiramente benedictina, era digna de melhor causa, sendo certo que o seu instrumentinho não pode ter nenhuma applicação no campo da pratica, e só pode ser admirado como uma engenhosa curiosidade.

Não o dizemos por desmerecer o trabalho do paciente artifice. Ninguem, mais do que nós, sabe respeitar o esforço alheio; mas não sabemos resistir a um sentimento de lastima, quando vemos desaproveitadas essas aptidões especiaes, que tanto abundam no nosso paiz, e que, melhor canalizadas, podiam concorrer grandemente para a creação de industrias novas ou para a reabilitação das que se perderam pela incuria dos homens ou pela desproteção de quem as devia patrocinar.

\*

Ainda que tardiamente, noticiamos a chegada do distincto professor, sr. Joaquim Augusto Garcia Alagarim, que se encontra novamente entre nós desde 17 do mez pasado.

Como dissemos em tempos, o sr. Alagarim havia sido escripturado, como director d'orchestra, pela Companhia Alfredo de Miranda, do theatro Carlos Alberto, e n'essa mesma qualidade tinha seguido para o Brazil com a mesma companhia.

Nas principaes capitaes brazileiras, Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia e Pernambuco, teve o reputado artista as provas do maior apreço, não só pela proficiencia com que desempenhou o seu logar de regente, como tambem, porque sendo o unico maestro da companhia, teve de votar um importantissimo subsidio de trabalho material ao desempenho do seu mandato.

Felicitando-o pelo exito tão merecidamente obtido, endereçamos-lhe os mais sinceros cumprimentos de boas-vindas.

\*

Já regressaram do Brazil os illustres concertistas, srs. Hernani Torres e Julio Car-

dona. O primeiro encontra-se desde o dia 8 no Porto, junto de sua familia, contando voltar para Lisboa em principios do proximo mez.

\*

Annuncia-se para breve a festa artistica do notavel violinista, D. Francisco Benetó.

Será talvez a 21 d'este mez. Ignoramos por ora qual seja a composição do programma, mas consta-nos que o reputado mestre de violino nos fará ouvir pela primeira vez, e entre outras composições importantes, o *Grande Concerto* de Vieuxtemps, op. 31, com acompanhamento de piano, órgão e harpa. E' uma obra de grande belleza e effeito, que faz parte do repertorio do celebre Ysaye, a quem a ouvimos ultimamente em Paris com um exito estrondoso.

\*

A um grupo extremamente restricto de amigos e amadores de musica offereceu o sr. Antonio Arroyo no domingo, em sua casa, duas horas de excellente musica moderna.

Até ao momento de abandonarmos essa hospitaleira e artistica sala, haviam-se executado uma sonata de piano e violino, alguns trechos vocaes e uma fantasia para piano, todas composições do sr. Gabriel Grovlez, artista distincto e sympathico, que a empresa de S. Carlos escripturou como director d'orchestra para a companhia franceza, e a quem a *Arte Musical* já teve occasião de referir-se ha mezes.

Madame Grovlez e Francisco Benetó collaboraram com o talentoso compositor na execução d'essas obras, imprimindo-lhes todo o sentimento e relevo.

Fez-nos optima impressão a musica de Gabriel Grovlez, em qualquer das tres formas apresentadas: a banalidade não tem ali logar e a elevação e pujança da concepção allia-se quasi sempre aos primôres da forma e á originalidade dos processos harmonicos e rythmicos, que constituem uma das predilecções magnas d'este intelligente artista.

Se as nossas preferencias vão todas para a sua obra vocai, que Madame Grovlez promenorizou aliás com summa habilidade, não podemos recusar á Sonata, recheiada de episodios interessantissimos, as qualidades mais caracteristicas da boa musica de camara moderna, nem á peça de piano, *Re-cuerdos*, baseiada sobre reminiscencias, um tanto vagas, de musica espanhola, o colorido e a luz, bem meridionaes, que Grovlez espalhou generosamente em toda a obra, e as condições de brillantismo, que lhe não fal-

tam e que são realmente exigiveis n'uma peça d'essa natureza.

Pela sua indole especial, pelo arrojo das ideias, pela transcendencia dos desenvolvimentos e pela difficuldade, por vezes esca-brosa, da execução, a musica de Gabriel Grovlez furta-se tenazmente aos ataques irreverentes das meninas da baixa. Tanto melhor para ellas e, sobretudo, tanto melhor para o auctor.

\*

Promette-nos o nosso illustre collaborador, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), para um dos proximos numeros, um artigo critico sobre a notavel actriz siciliana, Mimi Aguglia, que, á data da publicação d'este numero, já deve estar danço a sua serie de representações no theatro D. Amelia.

Seja bem vindo o artigo.

\*

Projecta-se para segunda-feira, 20, o primeiro concerto, n'esta epoca, da *Sociedade de Musica de Camara*, effectuando-se ao mesmo tempo uma sessão solemne para distribuição dos premios aos auctores das obras que melhor classificação tiveram no Concurso ultimamente organizado pela mesma Sociedade.

Por gentileza especial para com a direcção da mesma, tomará a palavra o illustre critico d'arte, sr. Antonio Arroyo, que se referirá ao elevado alcance artistico do certamen iniciado pela *Sociedade de Musica de Camara*, ao estimulo que elle representa para os compositores portuguezes, e ao exito brilhante que coroou os esforços de todos os que por elle se interessaram.

Seguir-se-ha a entrega dos premios e diplomas, terminando a sessão com a apresentação das duas obras que tiveram primeiro premio, a *Sonata* de Luiz Freitas Branco e o *Quarteto* de Julio Neuparth, das quaes serão executantes os srs. José Bonet, Francisco Benetó, Cecil Mackee, Antonio Lamas e D. Luiz Menezes.

A *Sociedade de Musica de Camara*, como já o dissemos, pensa em consagrar tambem um concerto especial ás obras dos srs. Rodrigo da Fonseca e José H. dos Santos, que obtiveram menção honrosa no mesmo concurso. Não está por ora fixada a data d'esse segundo concerto de musica portugueza, que, dado o valor das obras apresentadas, deverá tambem revestir um grande brilho.

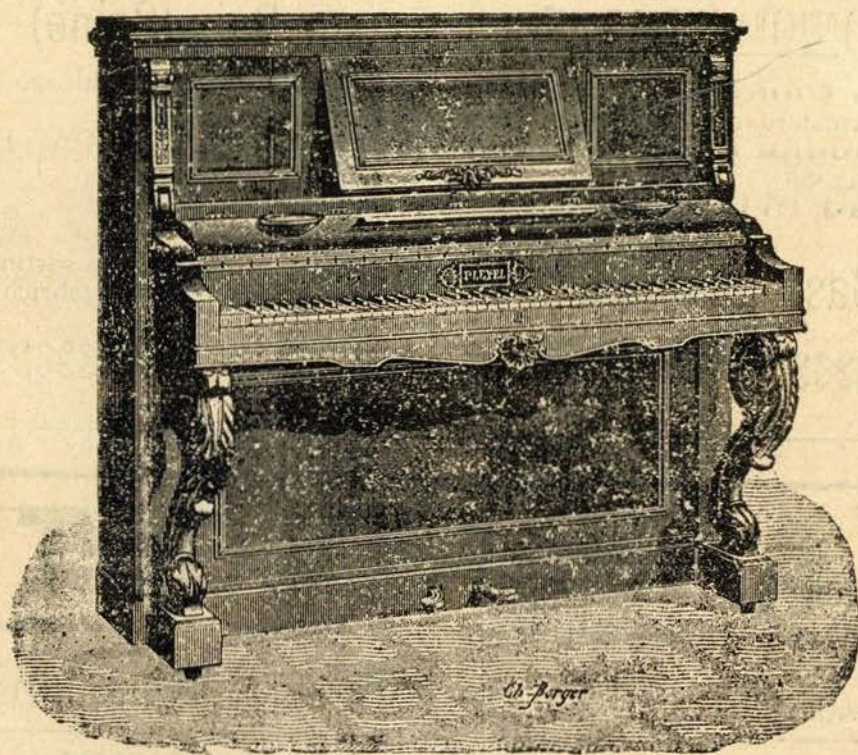




A ARTE MUSICAL  
Publicação quinzenal de musica e theatros  
LISBOA

# Pleyel Wolff Lyon & C.<sup>ie</sup>

Grande fabrica de pianos e harpas  
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(Systema Lyon privilegiado)

\* PIANO DUPLO PLEYEL \*

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) da exposição de Paris — 1900

**GAVEAU** Grande Fabrica  
DE  
**PIANOS**

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

**Hors Concours**: Barcelona (1888) - Moscow (1891) - Chicago (1893) -  
Amsterdam (1895) - Paris (1900).

**Diplomas d'Honra**: Amsterdam (1883) - Antuerpia (1885) - Bruxellas  
(1888)

**Grand Prix**: Hanoi (1893) - Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de  
x x pianos d'esta reputada fabrica x x

\* **A. HARTRODT** \*

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES: **HAMBURGO e LONDRES**

**Succursaes**: ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GE-  
NOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'ex-  
pedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias  
portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações re-  
lativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para impor-  
tação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas  
o quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

**JOSÉ ANTONIO MARTINS**

Rua do Crucifixo, 8, 2.º - LISBOA

A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

# Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,  
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-  
gräber, etc.

Partituras  
de Operas  
antigas e modernas  
para piano e para canto

Leitura Musical

FOR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade



**BERLIM CAROL OTTO BERLIM**

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante—Boa sonoridade—Afinação segura—Construção solida

**BERLIM CAROL OTTO BERLIM**

# Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano. *Rua de S. Bento, 56. 1.º E*
- Alberto Sarti**, professor de canto. *Rua Castilho. 34. 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48. 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano. *R. N de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim *Calçada do Forno do Tijolo, 32. 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas 32, PORTO*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2, C, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto. *C. do Marquez d'Abrantes. 10. 3.º E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino. *informa se na casa LAMBERTINI.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello. *R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal de Mello, 131, 2.º. D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cornetim, *R. das Salgadeiras. 48, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Minho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, profes.ª de canto, *T. Santa Quiteria, rua Particular, 5, 1.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

## A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral  
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias .....	1\$ 200 réis
No Brazil (moeda forte) .....	1\$ 800 »
Estrangeiro .....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 - Lisboa